

Cartografia Biocultural de Gonçalves Ferreira - o direito à uma Educação Ancestral**Beatriz Cristina dos Santos Silva****Gabriel Bezerra Silva**

Escola Municipal Típica Rural

gabezsilva23@gmail.com**Resumo**

O presente trabalho de pesquisa consiste em uma iniciativa do arte-educador e professor Gabriel Bezerra Silva - da rede municipal pública do município de Caruaru - juntamente com Beatriz Cristina dos Santos Silva - estudante do Ensino fundamental, matriculada na Escola Típica Rural de Gonçalves Ferreira¹- em fazer um trabalho de imersão, levantamento e investigação das memórias bio-culturais e narrativas orais da comunidade de Gonçalves Ferreira, onde Beatriz reside. Tendo como objetivo a busca, manutenção e valorização da tradição cultural da dança de brinquedo de roda e da Mazuca, danças que estão presentes por gerações na família de Beatriz. Desde seus bisavós, avós, mãe, tios e tias, todos têm na dança da Mazuca, uma esfera de elo ancestral e comunitário com suas raízes e ancestralidade. A partir da oralidade e da poética presentes nos versos cantados da Mazuca - guardados e passados por gerações - diversos campos de estudo se intercalam: de estudos linguísticos e geográficos a relatos históricos da ocupação e da biodiversidade dos territórios em que estão inseridos os sujeitos que dançam Mazuca. A pesquisa, catalogação e registro desses saberes, se tornam assim uma potente ferramenta pedagógica de validação da Identidade e ancestralidade da comunidade de Gonçalves Ferreira. Conclui-se a relevância deste trabalho para a salvaguarda das danças de roda e da cultura popular pernambucana, especificamente da cidade de Caruaru. A Mazuca se encontra enfraquecida e /ou até extinta em muitas comunidades rurais. Durante o processo de realização da investigação, a dimensão territorial da pesquisa se expandiu com a experiência de visita às comunidades quilombolas do Castainho e de Riachão do Sambaquim. Uma profunda conexão se deu entre esses corpos-territórios, a partir da prática cultural em comum de tirar versos cantados.

Palavras-chave: Mazuca. Brinquedo de Roda. Ancestralidade. Biocultura. Gonçalves Ferreira.



Figura 1 - A família Cristino, Beatriz e seus colegas em frente à capela de São Pedro, na praça principal de Gonçalves Ferreira.

Fonte: Géssica Amorim (2024).

Introdução

A comunidade de Gonçalves Ferreira, situada no 3o distrito do município de Caruaru, no agreste pernambucano, é um território que resguarda uma profunda relação com sua ancestralidade, através da memória coletiva ligada aos festejos e celebrações do calendário religioso e cultural (Figura 2). Neste cenário, tradições antigas como a dança da Mazuca, o brinquedo de roda, a Queima da Lapinha, a novena das Santas Chagas e uma série de narrativas, transmitidas por oralidades que desafiam datação, se confrontam com o avanço acelerado das tecnologias contemporâneas. Enaltecer a importância da memória biocultural desses saberes passados de geração para geração, nos situa em um constante e ininterrupto desafio: como garantir a salvaguarda, manutenção e valorização dessas práticas pela juventude de hoje, dentro do território?



Figura 2 - Procissão do padroeiro São Pedro percorrendo a vila de Gonçalves Ferreira, Junho de 2024.

Fonte: Marcelo Barbosa (2024).

Beatriz Cristina é uma grande referência para responder a este desafio. Com apenas 11 anos, a estudante e pesquisadora deste presente trabalho, tem uma profunda visão e reconhecimento de que os saberes e memórias de seus antepassados importa, e importa muito. Beatriz se destaca nas aulas de arte-educação do professor e orientador Gabriel Bezerra, pelo seu interesse aguçado na prática da dança de brinquedo de roda e da Mazuca. A partir da pesquisa, Beatriz pôde se empoderar do universo histórico que sua família resguardou do passado, fincar raízes e se projetar como uma importante agente territorial - que conhece, honra e busca legitimar a história da sua comunidade.

A Mazuca e o brinquedo de roda em Gonçalves Ferreira

A mazuca é uma dança de roda marcada pelo ritmo dos pés, fortemente encontrada no território do agreste pernambucano, mas que também é vista em cidades do sertão com esta denominação, e em regiões do estado da Paraíba. Difícil de explicar como ela surgiu - relatavam os antigos mazuqueiros do Alto do Moura, em Caruaru, a narrativa de que a Mazuca teria surgido do encontro de danças europeias (como a polca e a mazurka polonesa) com o toré dos

povos indígenas nativos da região. Há também uma grande influência africana, ligada ao desmembramento do quilombo dos Palmares e difusão de práticas musicais vinculadas ao trabalho de pisar o barro, uma relação que aproxima a Mazuca com a dança do Coco de Roda (Figura 3).



Figura 3 - Roda de mazuca na fogueira do padroeiro São Pedro, Junho de 2024, Gonçalves Ferreira.

Fonte: Marcelo Barbosa (2024).

A mazuca em Gonçalves Ferreira foi conservada por famílias da Serra do Marinheiro, dos sítios Imburana, Rebeira e Poção de Bezerras, que se estabeleceram na vila de Gonçalves Ferreira e costumavam se reunir para brincar Mazuca, principalmente durante as fogueiras do mês de Junho. A família dos “Cristino” é um desses mananciais de onde brota a memória dos versos da Mazuca. Uma memória viva, que pode ainda ser acessada.

Manoel Cristino foi violeiro e poeta repentista, e foi o avô de José Cristino, conhecido como seu Dezim (tio-avô de Beatriz Cristina e influente liderança nas ações coletivas da comunidade e na organização de seus festejos). Dezim nasceu ainda na Serra do Marinheiro, antes de descender à serra para fazer morada na vila. Ele é o principal conhecedor dos versos de roda e das complexas poéticas cantadas na mazuca desta localidade. Dezim é também um dos últimos a saber fazer o famoso trupé rebatido, que costuma ser motivo de vaidade em muitos grupos de mazuqueiros

(Figura 4). O trupé rebatido consiste em rebater os pés em um ritmo mais acelerado de acordo com a cadência e métrica entoadas pelo puxador da Mazuca.



Figura 4 - Dezim, atual puxador da Mazuca, sendo entrevistado para a pesquisa pela sua sobrinha Beatriz.

Fonte: Karol Santiago (2025).

O brinquedo de roda se diferencia da mazuca por não ser rebatido com o pé. É somente dançado em roda, enquanto as pessoas da roda vão tirando versos que podem ser improvisados ou repassados por gerações de ‘versadeiras’ também chamadas de ‘tiradeiras de verso’. Esses versos costumam interagir com as dinâmicas sociais das pessoas, ora com versos de paquera e enamoramento, ora com versos que zombam e fazem graça de alguém ou de algum fato. Em Gonçalves Ferreira, a prática de tirar versos é predominante entre as mulheres. A avó de Beatriz, dona Edileuza Cristino e sua irmã Josefa Cristino (ambas irmãs de seu Dezim) sabem dezenas de versos, que foram aprendidos com sua mãe e com as antigas matriarcas que batiam mazuca.

Dois importantes processos pedagógicos que as práticas da Mazuca e do brinquedo de roda nos demonstram: Primeiro, o sentido comunitário, a coletividade e a união - partindo da constatação de que essas danças alimentam um forte pertencimento identitário com a ancestralidade de quem o pratica. Vemos que a roda se faz essencial para brincar Mazuca, as pessoas tem que saber responder, e ajudar a cantar para a mazuca ser formada. E outro princípio que a Mazuca incita ao ser perpetuada, é de um saber popular fundante de valores e ensinamentos éticos formadores

dentro do processo cultural de honrar e lembrar de seus antepassados.

Para contemplar essas últimas indicações, Barros (2017: 37), em sua dissertação de mestrado sobre a Mazuca da comunidade Mondé dos Cabrais, em Camocim de São Félix, diz:

Estes encaminhamentos teóricos deram norte a minha forma de aproximação de uma realidade não apenas material, mas sobretudo simbólica e afetiva através da qual os praticantes da mazuca no sítio Mondé dos Cabrais criaram a prática expressiva da mazuca e desenvolveram um conjunto de práticas socioculturais em relação com o meio ambiente ou ecológico onde tradicionalmente viveram. Sob esta compreensão, a mazuca desenvolveu-se a partir de um complexo cultural que articula a cultura expressiva, valores e práticas culturais mais vastos. Nesse sentido defendendo que a mazuca, na continuidade deste passado transformado, é uma prática expressiva associada a valores sociais, emotivos e a comportamentos participativos e integradores de um grupo social de origem africana em Pernambuco.

Metodologia

O principal método utilizado na pesquisa foi um levantamento histórico a partir de relatos orais colhidos na comunidade. Visto que a principal fonte de informação sobre a mazuca nesta localidade se fez necessária a escuta dos seus anciões e anciãs. Isso faz desta pesquisa um trabalho inaugurador, ao se debruçar sobre a herança cultural de Gonçalves Ferreira. Desde o início deste processo de fomento e valorização da tradição de Mazuca no território, iniciado ainda antes da bolsa FETEC, a abordagem didática e pedagógica do orientador e sua orientanda partem da ação de incluir os cultores e culturas do próprio território no espaço escolar, como protagonistas e diretrizes para os estudos e sentidos de pertencimento vivenciados na escola-território. Para as gravações que resultaram como Acervo da Memória Biocultural da pesquisa, utilizamos gravadores portáteis para registrar na íntegra todas as entrevistas, conversas, prosas e contação de histórias com dona Edileuza Cristino dos Santos, José Cristino dos Santos, Maria Cristina dos Santos, e dona Lourdes de Pulséria.

Um dos caminhos teóricos e práticos de maior influência para o processo são os rastros e experiências deixadas pela investigadora e folclorista chilena Patrícia Chavarría (1997) “Canto Palabra y memoria”, dentre um de seus diversos livros de recopilación das narrativas, saberes e conhecimentos populares das zonas rurais do Chile. Em seu trabalho profundo de busca, registro e elaboração de acervo de cantoras e heranças musicais da cultura tradicional campesina chilena, Chavarría nos convida a manter relações estreitas e afetuosas com as guardiãs e guardiões da memória coletiva por onde ela transitou. Nos deixa a referência de trabalhos investigativos feitos

com o coração mais do que tudo.

Outra base que nos serviu como caminho e direcionamento é o radical e transgressor pensamento crítico e intensamente estimulante de bell hooks (2017) em “Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade”, enquanto um leque de ferramentas pedagógicas que questionam as hierarquias do conhecimento - sobre métodos de ensino atravessados pela liberdade e pela construção de uma comunidade pedagógica.



Figura 5 - Beatriz e seu orientador Gabriel Bezerra entrevistando sua tia-avó Maria Cristina a respeito da sua vivência com a Mazuca e com o Brinquedo de Roda.

Fonte: Clara Sofia (2025).

Resultados e Discussão

Um conceito que é fundamental para os objetivos e resultados que nos propomos a vivenciar nesta pesquisa: o de Memória Biocultural. Este conceito, elaborado pelos autores Toledo e Barrera-Bassols (2015), é fundamental para compreender a dimensão do processo e das ações que iniciamos em Gonçalves Ferreira. Os autores argumentam que a ciência positivista separou os saberes sociais da natureza, chegando até mesmo a dividir Natureza e Cultura. Segundo eles, isso provocou um esquecimento, uma contínua desmemória de profundas e

importantes formas de trabalhos ligados e em coexistência com o meio ambiente, com a natureza. Isso nos provocou, ao entender que toda uma dimensão histórica e identitária se põe em risco quando um território se desvincula de práticas tradicionais como a agricultura, por exemplo, ou perde práticas ancestrais que ligam os fazeres/saberes culturais com a biodiversidade de uma paisagem. Ao se desvincular de suas raízes, memórias, histórias, cantigas e elos comunitários, um território rapidamente se torna suscetível à especulação imobiliária, aos avanços predatórios da industrialização e à perda de identidade territorial.

Nossa preocupação em resguardar a tradição da Mazuca e do brinquedo de roda, se expandiu na intenção de ensaiar propostas pedagógicas que resguardecem para além da dança - que por si só já impulsionou a juventude de Gonçalves Ferreira a olhar para a história de seus antepassados e valorizar sua identidade rural - mas sirva também como abertura de caminho de uma luta epistemológica: que valide os conhecimentos tradicionais, mesmo que não sejam científicos, mas que exercem um papel fundador na formação intelectual e sensível da comunidade - dentro e fora da instituição escolar.

Pensando nos entornos locais, é na periferia rural que reside a possibilidade de retomar as memórias perdidas, inclusive das relações e do trabalho humano com a natureza. As culturas ancestrais se caracterizam por enriquecer a natureza ao ocuparem um lugar, produzindo biodiversidade coevoluiram com a natureza e geraram um importante acervo de memória biocultural que expressa costumes, ritmos, alimentos e relações com outras espécies integradas aos territórios. As línguas, por exemplo, são mais do que esquemas de signos linguísticos, são ecologias de comunidades práticas, experiências históricas (Toledo e Barrera-Bassols, 2015).

Fortalecer as redes entre os territórios: as visitas aos Quilombos Castainho e Riachão do Sambaquim

A partir da visita ao Quilombo Castainho (Figura 6), localizado no município de Garanhuns, que ocorreu no dia 1º de Maio de 2025, pudemos expandir o estudo da Mazuca e romper fronteiras. Nos encontramos com a mestra de samba de coco Zeza do Coco, uma liderança da comunidade. Beatriz teve a experiência de pisar pela primeira vez em um território quilombola, e junto de sua avó Edileuza conhecer uma casa de Farinha (há muitos anos deixou de existir casas de farinha em Gonçalves Ferreira, e essa lembrança faz parte das memórias ancestrais da sua família). Vimos o quanto os dois territórios, Castainho e Gonçalves Ferreira, mesmo que distantes fisicamente, carregam uma forte semelhança simbólica nas raízes comuns entre os modos de trabalho e nas

práticas culturais de cantar versos. Fizemos uma roda de conversa entre Beatriz e sua avó Edileuza com a mestra Zeza e sua neta Tamara, da mesma idade de Beatriz, e que também é bastante envolvida com a tradição cultural da sua comunidade. Um encontro marcante que terminou com todas dançando e selando uma rede entre os territórios. A troca entre as duas jovens e suas matriarcas fortaleceu a resistência que ambas já exercem na salvaguarda da memória e legado de seus antepassados.

A segunda experiência de intercâmbio territorial proposta como atividade de pesquisa, foi com o quilombo Riachão do Sambaquim (Figura 7), localizado no município de Panelas, no dia 11 de Setembro de 2025. No quilombo Sambaquim, existe um grupo de Mazuca formado só por jovens da comunidade. Este grupo é coordenado por Gabriel Soares da Silva, de 17 anos, que é uma forte liderança que atua dentro dos campos da educação e da cultura, profundamente consciente da força e importância da história de seu povo. Gabriel e sua turma aprenderam os versos e passos da Mazuca com dona Hosana, que hoje tem 83 anos. Dona Hosana nos brindou com sua voz potente no encontro que proporcionamos da Mazuca do quilombo Sambaquim com Beatriz e sua avó Edileuza. Fizemos uma roda tirando versos, e mais uma vez as fronteiras se diluíram quando (ou)vimos que os mesmos versos cantados em Gonçalves Ferreira - e guardados pela família dos Cristino - estavam ali também, no quilombo Riachão de Sambaquim, em Panelas, guardados na memória que dona Hosana traz de seus troncos velhos.

Essas duas valorosas trocas fortaleceram a nossa cartografia com o pertencimento territorial de duas comunidades quilombolas do agreste pernambucano, e evidenciaram a ligação que o brinquedo de roda e a Mazuca tem com as ancestralidades - traçando caminhos/rotas que conectam nossas comunidades rurais e tradicionais. Quem ensinou a quem esses versos? Quem saiu espalhando, colhendo e levando essas cantigas entre serras, rios e encruzilhadas?



Figura 6 - Visita ao Quilombo Castainho. Beatriz e sua avó Edileuza conversam com a mestra Zeza do Coco.

Fonte: Micaelle Vanessa (2025).



Figura 7 - Visita ao Quilombo Riachão do Sambaquim - Dona Hosana, o orientador Gabriel, Beatriz, sua avó Edileuza e o grupo da Mazuca dançam em roda.

Fonte: Ythalla Maraysa (2025).

Considerações finais

Por fim, concluímos as ações planejadas com a ativação de um canal do Youtube intitulado “Vamos Mazucar!” (nome escolhido pela estudante e bolsista Beatriz Cristina). O canal foi criado como uma ferramenta didática para apresentar a tradição da Mazuca para os públicos mais jovens, e como plataforma de evidenciar os relatos e as experiências da pesquisa, como também para o Link para acessar o canal: <https://www.youtube.com/@VamosMazucar> armazenamento, inventário e difusão do acervo biocultural da tradição de Mazuca e brinquedo de roda da comunidade.

Toda as experiências vivenciadas durante a pesquisa serviram de grande fortalecimento para um aprofundamento da força coletiva e comunitária em Gonçalves Ferreira, e estimular os tecidos da relação mais importante para a manutenção dos saberes e memórias ali fincados - dos jovens mazuqueiros com seus mais velhos e mais velhas - que um dia virão a ser também ancestrais. A força dos passos que trilhamos, pisamos e deixamos aqui com este trabalho como pegadas, garante que se depender de Beatriz, seus priminhos e sua irmã Bárbara, a biocultura e a história de seu território permanecerão pulsantes, vivas e inspirando outras comunidades (Figuras 8, 9 e 10).



Figura 8 - Seu Dezim puxando a Mazuca durante o festejo da Queima da Lapinha em Janeiro de 2025.

Fonte: Victor Santanna (2025).



Figura 9 - A matriarca, guardiã e cultora Ornila, ensina mazuca às crianças de Gonçalves Ferreira.

Fonte: Cecília Goey (2024).



Figura 10 - A família Cristino: Beatriz Cristina, sua avó Edileuza, sua tia-avó Josefa e seu tio-avô Dezim na casa que pertenceu a Manoel Cristino, Outubro de 2025.

Fonte: Gabriel Bezerra (2025).

Referências

BARROS, A. T. *Memórias da mazuca da família Tiago dos Santos*. Tese (Mestrado em Ciências Musicais) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2017. ? f.

CHAVARRÍA, P.; ARAYA OLMOS, I.; MARIÁNGEL, P. *Canto, palabra y memoria campesina*. Chile: Fondart, 1997. p. 146.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir* - A educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p. 288.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. *A Memória Biocultural*: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 225